

A INTERCULTURALIDADE NAS OBRAS IMAGÉTICAS DE JAIDER

ESBELL

Interculturality in the picture works of Jaider Esbell

FIGUEIRA, Marcele Socorro de Almeida¹, & SILVA, Ivete Souza da²

Resumo

Esta pesquisa é parte da dissertação de Mestrado apresentada no Programa da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, teve como objetivo geral analisar a possibilidade da inserção das obras do artista Jaider Esbell, indígena da etnia Makuxi, no ensino de arte a partir de uma perspectiva intercultural. Buscou-se indicar elementos culturais presentes em suas obras visuais, na contemporaneidade, que retratassem símbolos vivos conservando a cultura de seus ancestrais. Esses elementos contam histórias de seu povo e servem como ponte para tecer interculturalidades quando indivíduos da própria cultura os absorvem e vivenciam em sua formação identitária, ou quando indivíduos de outras culturas podem comparar ou identificar elementos de sua própria cultura. Ao longo do artigo apresentamos as obras de Jaider Esbell, foco da pesquisa realizada, e destacamos a sua importância para o cenário da arte no estado de Roraima - Brasil. A metodologia do trabalho foi direcionada pela abordagem qualitativa com método cartográfico em que analisaram-se as obras do artista buscando indicar elementos possibilitadores da abordagem intercultural do/no ensino de arte. Além dos autores mencionados tomamos como referência teórica o próprio artista Jaider Esbell, por meio de seus textos publicados.

Abstract

This research is part of the Master's dissertation presented in the Postgraduate Program in Letters at the Federal University of Roraima, its general objective was to analyze the possibility of including the works of the artist Jaider Esbell, an indigenous person of the Makuxi ethnic group, in art teaching based on from an intercultural perspective. We sought to indicate cultural elements present in his visual works, in contemporary times, that portrayed living symbols preserving the culture of his ancestors. These elements tell stories of their people and serve as a bridge to weave interculturalities when individuals from their own culture absorb and experience them in their identity formation, or when individuals from other cultures can compare or identify elements of their own culture. Throughout the article we present the works of Jaider Esbell, the focus of the research carried out, and highlight their importance for the art scene in the state of Roraima - Brazil. The work methodology was guided by a qualitative approach with a cartographic method in which the artist's works were analyzed seeking to indicate elements that enable the intercultural approach to/in art teaching. In addition to the authors mentioned, we took the artist Jaider Esbell himself as a theoretical reference, through his published texts.

Palavras-chave: *Intercultura; Ensino da Arte; Jaider Esbell.*

Key-words: *Interculture; Art Teaching; Jaider Esbell.*

Data de submissão: setembro de 2023 | **Data de publicação:** dezembro de 2023.

¹ MARCELE SOCORRO DE ALMEIDA FIGUEIRA - Servidora Pública do Estado de Roraima. Grupo de Pesquisa CRUVIANA - Educação, Arte e Intercultura (CNPq-UFRR), BRASIL. Email: marceleufr@gmail.com.

² IVETE SOUZA DA SILVA – Univerdiade Federal de Roraima. BRASIL. Email: ivetesouzadasilva@yahoo.com.br.

A INTERCULTURALIDADE NAS OBRAS IMAGÉTICAS DE JAIDER ESBELL

A identidade de uma sociedade ou de uma cultura não é algo fixo ou único, está em constante transformação modificando-se de acordo com o desenvolvimento social e político de cada povo ou grupo social. Distinguem-se por meio de seus costumes, línguas, invenções, valores, obras e crenças diferentes. Dessa forma ao tratar sobre a identidade no ambiente escolar não podemos deixar de considerar as relações e as diferentes formas de manifestações culturais. Ao nos reportarmos para a cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, no Brasil, nos deparamos com escolas que possuem em suas salas de aula um número muito grande de alunos indígenas ou descendentes de indígenas, alunos brasileiros e não indígenas e, atualmente uma presença grande de imigrantes venezuelanos, caracterizando-se um espaço culturalmente diversificado.

Observando a importância de desenvolver estudos que envolvam as questões interculturais no ensino da arte, nessa pesquisa buscamos sinalizar para a importância da cultura regional no ensino da arte, levando em consideração que cada aluno pertence a uma determinada cultura e possui costumes, hábitos e, em alguns casos, uma língua materna diferente. Para pensarmos as questões interculturais no ensino de arte optamos por trazer o artista indígena Makuxi Jaider Esbell³ (1979 – 2021). O artista nasceu na Terra Indígena Raposa Serra do Sol (Raposa I) no município de Normandia estado de Roraima. Artevista como ele mesmo se definia, Esbell (2018) por meio de sua arte abordou questões políticas e culturais vividas por seu povo e pelos povos indígenas do Brasil e da América Latina, tornando-se um dos artistas indígenas consagrados no cenário da Arte Contemporânea Brasileira.

³ Jaider Esbell artista da etnia Macuxi. (nasceu em 27/03/1979, Normandia, Roraima - e morreu em 02/11/2021, São Paulo, São Paulo), aos 42 anos.

MAKUNAIMANDO⁴

Figura 1 - Mapa elaborado pela pesquisadora representando o Estado de Roraima e indicando a capital Boa Vista e a cidade de Normandia.



Fonte: Arquivo pessoal, Pasta.

Jaider Esbell artista makuxi, nasceu na cidade de Normandia - RR – Brasil, na terra indígena Raposa Serra do Sol, comunidade de origem de sua avó, onde viveu parte de sua infância. Em Normandia estudou até o ensino médio, aos 18 anos mudou-se para a capital Boa Vista no Estado de Roraima. Na capital se manteve trabalhando em vários empregos até passar no concurso Público Federal da Eletrobrás. Depois prestou vestibular na Universidade Federal de Roraima tendo cursado e concluído o curso de Geografia, conforme informações contidas no livro “Tembetá”⁵.

⁴ Referencia ao texto “Makunaima o meu avô em mim”, Jaider Esbell, revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018.

⁵ TEMBETÁ, O presente livro reúne seis entrevistas realizadas com grandes lideranças e pensadores indígenas: Ailton Krenak, Álvaro Tukano, Biraci Yawanawá, Eliane Potiguara, Jaider Esbell e Sônia Guajajara. É o primeiro volume de uma série que busca traçar um panorama do pensamento indígena contemporâneo, explorando temas plurais que extrapolam as questões indígenas, como cultura, educação, política, direitos humanos e ecologia. Tembetá vem do tupy, é o nome de um adorno usado no lábio inferior que simboliza o rito de passagem à maturidade.

O artista residiu em Boa Vista até sua morte (2021), e durante esse tempo manteve e coordenou a “Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea”⁶ abrigando a produção e exposição de seus trabalhos artísticos e também obras de outros artistas indígenas, as quais classificam como contemporâneas. Jaider Esbell possuía técnicas diferenciadas de produção em relação à arte indígena contemporânea como: caneta nanquim sobre telas e tinta acrílica sobre telas, também chegou a se experimentar com tintas naturais como a de jenipapo, planta da região Amazônica e de Mata Atlântica brasileira.

Por meio de suas produções expunha seus sentimentos e vivências em defesa da cultura indígena makuxi, como podemos perceber no fragmento a seguir: “Os makuxis moram no Brasil, Venezuela e Guiana. Nossa realidade, assim como as demais realidades ameríndias, é muito complexa, muito rica de diversidade e de comunicação” (ESBELL, 2018, p.73). Em suas produções apresentava a cosmovisão de seu povo. Para Esbell a arte é uma ferramenta importante para a comunicação, o conhecimento a re(significação), onde constituem a diversidade e os valores de seu povo. Segundo o artista:

O povo Makuxi e a arte. A arte plástica, como linguagem entre os Makuxis, é um evento relativamente novo. Para muitos ainda não há uma compreensão exata de como esse recurso visual pode ser usado positivamente. Para outros, sim, é uma ferramenta poderosa de comunicação e transmissão de valores ou uma forma de manter assuntos importantes em contextos importantes. As escolas avaliam esse recurso como uma possibilidade de aumentar e melhorar a relação dos alunos com seus pares e familiares. Essas relações de diálogo envolvendo o fazer artístico podem estimular as famílias a buscarem conhecer mais e melhorar suas próprias histórias e trajetórias, refletindo positivamente na manutenção da cultura. Assim, a arte entre os índios deve, antes de tudo, cumprir um papel elementar, ou seja, sua função cultural e social (Esbell, 2014, p.34).

Para os nativos da comunidade produzir sua arte, manter vivo seus costumes, rituais, contos, utensílios de cerâmicas é uma forma de expressar e divulgar a sua cultura. As produções de Jaider Esbell retratam fortemente sua cultura. Após perceber as fragilidades que seu povo vivenciava diante os movimentos de demarcação de terra e práticas ilegais de garimpo, Jaider conta que tomou a decisão de ser artista ainda quando criança (Esbell, 2018). Segundo Esbell (2018, p. 25) “ [...] isso tudo foi muito importante para a construção posterior do meu trabalho, da minha identidade artística,

⁶ A Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea, atualmente pertence a família do artista e é conduzida por uma Equipe que busca trabalhar na divulgação das obras do artistas e na disseminação das lutas travadas por ele.

da minha identidade poética, da minha identidade de pensador”. Foi sua percepção crítica que o direcionou enquanto artista dando-lhe consciência e autonomia para apresentar a Arte Indígena Contemporânea para Roraima, Brasil e para o mundo. Esbell juntamente com outros artistas indígenas deu início a um movimento de arte, que denominou de “Arte Indígena Contemporânea (AIC)” problematizando o lugar da arte indígena adotado pelo Sistema de Arte Ocidental, que usava o termo “indígena” apenas como um adjetivo à Arte Contemporânea. Jaider Esbell ao conceituar o termo, assim discorre:

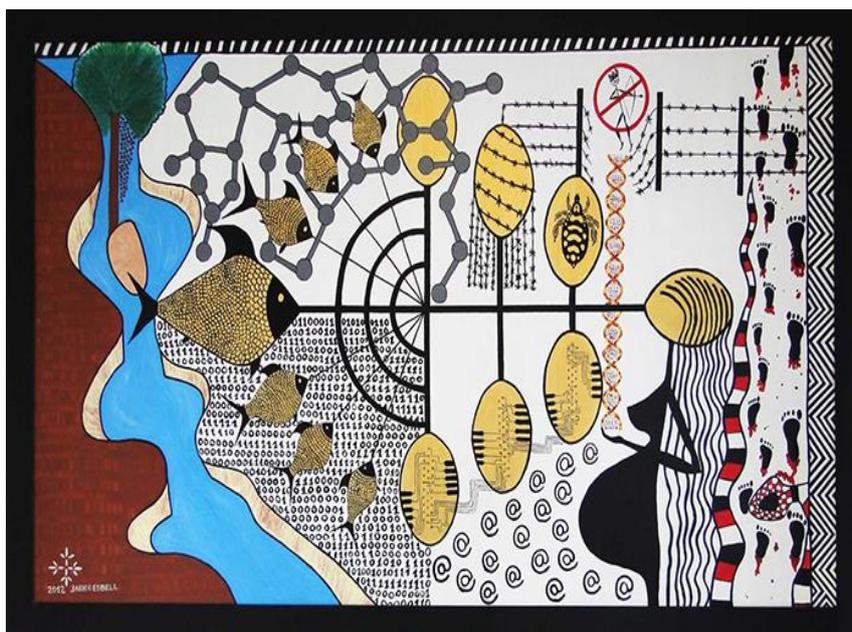
Quando se diz que é arte contemporânea indígena, parece que ela vem de fora e quer se indianizar aqui com a gente, vinda de um ambiente externo como se os índios não existissem antes. E chegou junto e quer meio que fazer parte, meio que na marra, não sabendo em que conjuntura. Por isso é importante sustentar que é arte indígena contemporânea, porque a arte sempre esteve entre os índios, e hoje quando se argumenta da palavra “contemporânea”, ela se veste, ela capta junto dos seus argumentos essa necessidade, inclusive, de ser comercial; é uma arte de provocação, de promoção e de fortalecimento da cena e das identidades indígenas contemporâneas (Esbell, 2021, p. 49-50).

Com uma atuação focada, estratégica e incansável Esbell contribui para as lutas dos povos indígenas do Brasil e do mundo levantando questões que perpassam os complexos dilemas atuais da humanidade.

Jaider Esbell - Vida, Obras e Arte Indígena Contemporânea.

Obra 1: CONHECIMENTO E DIGNIDADE

Fig. 2 - Conhecimento e dignidade, 2012, acrílica sobre tela, 120 x 230 cm



Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>

Boa Vista capital do estado de Roraima onde morava o artista Jaider Esbell e também onde possuía a sua Galeria de Arte Indígena Contemporânea, localizada no Bairro Paraviana. A galeria estava em transição, para local não divulgado, e ao final de 2021 teve seu projeto de mudança interrompido pela morte do artista. Jaider Esbell encontrava-se em franca ascensão e participava da 34^o Bienal de São Paulo, atuando inclusive como curador da mostra de arte indígena contemporânea “Moquém_Surari”.

O artista Makuxi durante os últimos anos de sua vida artística identificou-se como ativista e assim preferia ser nominado, pois, o termo faz referência ao movimento político dos artistas indígenas. Para Jaider Esbell, arte e vida se misturavam, eram uma só. Na obra “Conhecimento e Dignidade” fazem-se comparações e críticas expondo elementos interculturais que representam a vida tanto para sua etnia como também para outros povos indígenas do Brasil e mundo afora que sofrem perseguições com invasores em suas terras. Segundo Esbell (2019) sua relação com a Arte começa ainda na infância convivendo com a realidade em sua comunidade indígena. O espírito ativista de Jaider provocava outros artistas indígenas a contarem suas histórias através da Arte, irmanados pela semelhança parentesca com Makumaima, Deus indígena do povo Makuxi, e assim um de seus propósitos ganha força e visibilidade.

A relação com a contemporaneidade, e sua capacidade de viver nos dois mundos, como afirmava (o mundo indígena e o mundo não indígena) permitiu com que Jaider propague sua cultura manifestando-a em forma de Arte contemporânea em várias linguagens como, por exemplo: Pintura em telas, performance, esculturas, Artes plásticas, literatura. Suas linguagens artísticas ao serem apresentadas, analisadas e interpretadas por indivíduos de outras culturas com elementos que se assemelham representam a intercultural. Para Canclini (2019, p.348) “Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, vídeos e canções que narram acontecimento de um povo são intercambiados com outros.

A abordagem intercultural está escrita de forma reflexiva na obra “Conhecimento de Dignidade”, nela há barreiras que manifestam discriminações contra os indígenas, as desigualdades as diferenças entre objetos ali expressos pelo artista e retrato da natureza, o alimento.

Em uma entrevista a Gonzatto⁷ (2021) o artista diz que em seus trabalhos, incluindo a referida obra, é possível perceber a cosmologia makuxi, no qual articula com o mundo indígena e o mundo daqueles não-indígenas.

Meus avós foram escravos nas fazendas dos invasores, então nasci em dois mundos, literalmente. Percebo que, fora as pressões e imposições do mundo branco sobre meu mundo ancestral, o indígena, há um duplo interesse entre estes. Com meu trabalho de arte, acredito que posso auxiliar ambos nesse entendimento mínimo. As artes podem aproximar mundos, isso pra mim é fato. A minha pesquisa também me leva a crer que, mesmo aparentemente mesclados, esses mundos não se confundem e se fundem. Como tenho acesso a ambos os mundos, busco construir uma consciência de que “naturalmente” estou sendo educado por ambos para ser cada vez mais um veículo, um meio, um canal de fruição e distinção (Esbell, 2021, p. 2).

Esbell trouxe ao longo de sua existência os conhecimentos ancestrais e o conhecimento do colonizador, pois a sociedade não indígena fez parte da sua educação, e dela soube muito bem se apropriar e dominar suas técnicas. O artista acreditava que os conhecimentos absorvidos nas duas culturas propiciavam argumentos para que através da Arte fosse o elo de harmonia cultural nesses dois mundos.

Em “Conhecimento e Dignidade”, Esbell retrata imagens que expressam a realidade vivida pelos povos indígenas, essa obra ao ser observada e interpretada expressa algum tipo de sentimento no modo de vida em relação a convivências, violências ou conflitos relacionados à cultura indígena. Na obra podemos perceber as características artísticas do Jaider ativista pelas causas indígenas. Ele mescla nessa obra símbolos geográficos e elementos que representam a realidade, dividindo de um lado o formato parecido com o desenho da planta do Centro Cívico de Boa Vista, capital de Roraima-BR, e de outro lado representa a invasão das terras indígenas vividas em seu território. Em forma de crítica Esbell mapeia Boa Vista e faz comparações entre duas realidades, isso nos conduz a leituras e interpretações diferentes, portanto, a expressão do artista e as várias formas de interpretações são efetivadas pelo processo da interculturalidade, muito bem reconhecidos e problematizados pelo artista. O Brasil, conforme Fleuri (2003, p.23)

⁷ Camila Gonzatto escreve sobre cinema, literatura e artes visuais é membro da equipe editorial da Contemporary And América Latina (C&) Disponível em:
< <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/places/jaider-esbell-contemporary-indigenous-art-gallery/>>

[...] se constitui historicamente como uma sociedade multiétnica tomando-se por base uma imensa diversidade de culturas. Reconhecer nossa diversidade étnica implica ter clareza de que os fatores constitutivos de nossas identidades sociais não se caracterizam por uma estabilidade e fixidez naturais. As identidades culturais – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas, nacionais – sofrem contínuos deslocamentos ou descontinuidades (Fleuri, 2003, p. 23).

Eshell, soube muito bem levantar questões relacionadas as identidades culturais, e as relações complexas geradas a partir do encontro entre as diferentes culturas constituidoras do Brasil. Em suas obras imagéticas representava o movimento constante desses encontros e os resultados vividos por seu povo makuxi e os demais povos indígenas de Roraima. Na obra “Conhecimento e Dignidade” o artista representa a capital do estado - expressando no desenho o formato do Centro de Boa Vista (conhecido como Centro Cívico) que é projetado em forma de círculo de onde partem as principais ruas e avenidas da cidade. No Centro Cívico está concentrado dois, dos principais monumentos do estado de Roraima, o Monumento ao Garimpeiro⁸ e o Palácio do Governo. Estão localizados no eixo central da praça, um dos principais pontos turísticos de Boa Vista – Roraima.

Jaider Eshell, com esta obra faz críticas às atividades de garimpo em Roraima e denuncia o massacre vivenciado nas terras indígenas do estado. Sempre se posicionando como defensor de seu povo, o artista mantém em sua trajetória as denúncias das violências sofridas por seu povo, e pelos povos indígenas de forma geral. Atualmente a atividade de garimpo é proibida e é um grande problema para os povos indígenas de Roraima, pois permanece ocorrendo de forma clandestina e no período de 2018 a 2022 teve sua prática intensificada, por uma política genocida de extrema direita feita pelo governo do então presidente Jair Bolsonaro. Trata-se em pensar criticamente como comenta (Eshell, 2020, p. 2):

Especialmente os próprios indígenas, aqui em Roraima, inclusive, que tem apoiado toda essa questão de desencadeamento da volta do garimpo, e toda essa violência generalizada, e que poucos fazem para respirar alguns ares de esperança.

⁸ Jordana Cavalcante, sou macuxi (popularmente quem nasce em Boa Vista/RR), publicitária, turismóloga, guia de turismo. Monumentos Históricos de Boa Vista: O Monumento ao Garimpeiro está no eixo central da praça do Centro Cívico, um dos principais pontos turísticos de Boa Vista – Roraima. acesso em 06 de jan.2022.

Na obra Jaider utiliza a representação dos peixes mostrando que eles estão presentes no consumo alimentar tanto da cidade como nas áreas indígenas servindo como sustento das pessoas. Com muitos pontos unidos ele representa supostamente as áreas mais habitadas e com pontos mais distantes uns dos outros as regiões de áreas indígena que se encontra em áreas mais isoladas. O Rio Branco – Principal rio de Roraima interliga comunidades e é fonte de abastecimento hídrico da capital Boa Vista serve também como fonte de renda à classe dos pescadores que sobrevivem com a renda da pesca. Elementos da fauna e da flora – Controlam o ecossistema da região por isso são apresentados nas obras de Jaider, reforçando o espírito ativista pelas causas de seu povo.

A combinação do garimpeiro e dos peixes também pode ser lida como uma denúncia a invasão nas terras indígenas, o povo indígena está comendo peixe dos rios onde descem resíduos de mercúrio por conta do garimpo, adquirem várias doenças também trazidas pelos homens não-indígenas. Um exemplo recente desse encontro devastador entre indígenas e não indígenas provocado pela prática ilegal do garimpo é a crise humanitária Yanomami⁹ que ficou conhecida mundialmente em 2023. Este fato pode ser considerado como um dos resultados do encontro conflituoso de culturas, trazendo até mesmo mortes tanto pelos garimpeiros como mortes para os indígenas e a população Roraimense de forma geral, considerando o consumo de água populacional.

Os sinais gráficos como “@” nas obras pode ser entendido como as conexões de rede, as mídias pelas quais o artista aparece mais envolvendo as suas atividades e mostrando-as para o mundo, isso inclui sua participação ativa no Facebook¹⁰ onde fazia a maior parte de suas atuações interagindo com os outros. Esse sinal gráfico pode dizer que também nas comunidades, em sua maioria os indígenas, andam conectados também com as tecnologias na internet, em páginas de divulgação ou mostrando suas vivências através das redes sociais. Os arames farpados rompidos – interpretamos que sejam as invasões das pessoas às terras indígenas quando avançam para outro lado que seria a floresta. Os remos – são utilizados para locomoção pelos rios na prática da pesca e viagens entre comunidades, representam também um símbolo intercultural, pois, são utilizados como objeto fundamental para locomoção em todas as regiões onde existem rios.

⁹<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/01/29/malaria-pneumonia-desnutricao-contaminacao-mercúrio-fantastico-mostra-a-tragedia-humanitaria-na-terra-indigena-yanomami.ghtml>

¹⁰ Facebook do Jaider Esbell Disponível em: <https://www.facebook.com/jaider.esbell>

As cercas – Barreiras erguidas com cercas de arames para demarcar áreas indígenas invadidas principalmente por fazendeiros com objetivo de destruir a floresta para formar grandes plantios de capim formando pastagens para praticar a pecuária. Os desmatamentos das áreas de floresta destroem o habitat natural dos animais que servem de alimentação às populações indígenas. O indígena com o símbolo de proibição – Declara sua revolta imaginando quebrar a cerca para adentrar em sua própria terra invadida por posseiros, pois, está preocupado com as futuras gerações representadas pela mulher indígena grávida. No caso da indígena grávida representada na obra traz a questão cultural e tradicional que envolve os rituais transmitidos de geração a geração. As marcas das pegadas com sangue – significam ao nosso olhar os massacres, as agressões e a expulsão dos indígenas de suas terras pelos fazendeiros.

Em uma entrevista realizada no dia 14 de dezembro de 2018, Jaider Esbell falou dos conflitos vivenciados desde a sua infância, sempre originados na relação com o não indígena. Nasceu em 1979, no final da Ditadura Militar no Brasil, no auge dos conflitos entre indígenas e garimpeiros que exploravam a região do rio Maú. O movimento indígena já estava organizado, mas ainda sem a dimensão que tem na atualidade. Eles tentavam mediar os conflitos e estavam em processo de conscientização, inclusive dos próprios indígenas para o perigo e as consequências do garimpo (Brandão, 2019, p. 64).

Existem relatos históricos de massacres sofridos pelos povos indígenas em todo território brasileiro, muitos desses massacres os responsáveis não são punidos por inúmeros fatores sociais e culturais como, por exemplo: a distância entre o fato e a justiça e o poder financeiro dos agressores sob os indígenas. O símbolo “@” também pode significar um futuro incerto que está em volta das futuras gerações indígenas com novas tecnologias conectadas com o mundo que podem transformar e miscigenar a cultura das comunidades, pois, o desejo de consumir o novo está presente também nas comunidades indígenas, levando por um lado acesso ao conhecimento científico e por outro lado provocando conflitos na crença local. Esbell, no texto “Makunaima, meu avô em mim” sinaliza para essas mudanças que já vêm ocorrendo a tempos passados.

Empréstimos temos que fazer a todo o momento. Empréstimos que já vêm de longe descaracterizando as coisas, as energias e não queremos nós ter a essência das coisas pois estas coisas não estão para nós a menos que elas mesmas nos sucedam (Esbell, 2018, p. 12).

A conexão com o mundo transforma e prolifera a interculturalidade entre as pessoas dos grandes centros e os povos indígenas de todo o mundo, porém, essa conexão em tempo real poderá deslançar a construção de novas identidades com a apropriação dos valores culturais predominantes no momento, pois como afirma Homi Bhabha “Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” (Bhabha, 2003, p. 69). No entanto, precisamos estar atentos para as formas de construção dessas relações e trocas, para que a prática da violência e silenciamento das culturas indígenas empregadas na época da colonização brasileira possam ser rompidas.

Análise e Características da obra arte contemporânea indígena

Fig. 3- “Wazak’a”, 2011, acrílica sobre tela, 60 x 60 cm.



Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>

No contexto da obra Wazak'a¹¹ há uma árvore que toma conta de quase toda a tela em primeiro plano, sendo essa árvore com vários tons de verde que vai do escuro ao claro, com caminhos na parte de cima adentrando entre as folhas da árvore carregada de muitos frutos, em todos os caminhos estão os tipos de frutas da nossa região: caju, banana, dão, manga, acerola, taperebá, abacaba, açaí e outras como uva e maçã (que não são frutos da nossa região, mas que tem plantações por aqui). E, no centro acima do tronco estão cachos de bananas como forte fruta aquela que resiste nos lavrados de Roraima e serve como fonte de alimentação para indígenas. As frutas caindo da árvore como se fosse uma chuva e outras já estão no chão alimentando os animais.

No segundo plano da obra é possível ver um lugar mais claro mais limpo, como poucas obras de Esbell, e as pinturas de primeiro plano é como se saíssem da luz. Em segundo plano tem animais típicos do lavrado Roraimense como o tamanduá bandeira, tatu, veado, macaco e jabuti, se alimentando também dos frutos. Nesse contexto Jaider ativista usou a árvore Wazak'a, pertencente a história tradicional do povo makuxi que simboliza a “árvore de todos os frutos”. A árvore representa uma fonte de alimentos e fortalecimento para todos da floresta para os povos indígenas e não-indígenas e para os animais que ali habitam.

O tronco da árvore, na cor rosa em degradê, reflete a energia do artista:

Minha alma é plenamente colorida, pois me mostra meu avô ancestral Makunaimi. Somos de uma linhagem que tem transformação as bases de nossa forma. As cores são, portanto, assim como som de nossa música, nossa plataforma de existir e proporcionar existência (Esbell, 2021, p.3).

Para Esbell (2021, p.3) os povos já viveram muito tempo sem reconhecimento cultural e sobreviveram até nos dias de hoje, atualmente é possível propagar a cultura em busca de reconhecimento por toda a sociedade. Segundo o artista,

Wazak'a. A árvore da vida, de todas as frutas, de todas as dúvidas, de todos os saberes. Mito/lenda máxima da cosmovisão mais ampla, muito mais abrangente do que a própria consciência e a ciência poderiam alcançar. Coisa de deuses e de adoradores. Cachoeira de lágrimas e fonte de desejos. Representa a sabedoria plena, incontestável e ao mesmo tempo mutável, adaptável à personalidade (Esbell, 2014, p. 21).

¹¹ Wazak'a coleção Cabocagem. Prêmio Pipa na categoria online. Técnica: Acrílica sobre tela / Dimensões: 60 x 60 cm. Atualmente esta obra de Jaider Esbell está a venda no preço de \$6.500 neste site [:Mira! Artes Visuais Contemporânea dos povos Indígenas://projetoMira.wordpress.com/galeria-obras-a-venda-2/](http://projetoMira.wordpress.com/galeria-obras-a-venda-2/)

Nessa obra a natureza é o tema principal onde Esbell expõem “Wazak’a” a árvore de todos os frutos (grande árvore) da lenda de Makunaima. Essa obra também pode ter a função de sensibilizar as pessoas para questões ambientais e culturais apresentando elementos que fizeram parte de sua vivência já que pertencia a uma etnia indígena. São esses elementos de ordem estética e comunicativa que constituem suas obras e podem fazer parte também de culturas de outras regiões, essas semelhanças agregam valores que reunidos acabam exercendo trocas e junção ao mesmo tempo, assim Jaider Esbell trazia em sua Arte elementos interculturais. Conforme Silva (2013),

Em nossas relações, estão envolvidas questões culturais e sociais, trazendo diferentes valores e maneiras de viver e respeitar, ou não, o mundo a nossa volta. A necessidade de reflexão e diálogo sobre as relações interculturais se fazem cada vez mais necessárias, ao pensarmos uma educação comprometida com a vida (Silva, 2013, p.24).

A Arte nesse sentido pode ter várias funções ao mesmo tempo, além de trazer informações culturais, pode ser objeto de descontração, admiração, curiosidades. Sendo, a Arte forte aliada no processo educativo exerce um papel disseminador e de colaboração na educação denunciando ou provocando o leitor a refletir sobre preservação cultural/ambiental e questionar por atitudes que exijam mudanças no comportamento da sociedade em geral. Esbell expandia a Arte indígena contada em forma literária e em seus trabalhos no campo das artes visuais, mas, para que essa Arte seja divulgada e chegue até às pessoas é necessário que se tenha canais midiáticos de comunicação e isso foi muito explorado por Jaider em suas redes sociais.

Parece absoluto como se fosse o próprio encantamento tomando forma para atender visualidades. Eis um importante ponto a ser tocado. Em matéria de arte indígena, não algo externo, europeu ou emoldurado, carecemos, nós artistas, de algo dinâmico (agência?) para que se alcance a condição exata de transpor e fazer transpor mundos. Não deixamos de buscar o efeito contrário quando simplificamos a imagem do mito essencialmente fluido para algo limitado a uma imagem (Esbel 2018, p. 22-23).

As ideias apresentadas em obras de Arte como Wazak’á podem transmitir sentimentos e impulsionar processos de inspiração, cognição, sensibilidade, expressão e até mesmo criação, pois, a observação, a leitura e interpretação das situações do dia a dia por si são capazes de provocar reflexões e críticas, quer elas sejam favoráveis ou

contrárias aos padrões sociais. O artista, ao citar em entrevista ao Itaú Cultural¹², sobre Wazak'á afirma que:

[...] a memória que me remete meu avô contando história e mitos wakaza árvore de todos os tipos de frutos enfim que hoje agente tem a materialização de tudo isso grande monte Roraima e o makunaima trazendo dessa memória (Esbell, 2020, s/p).

Esbell materializou nessa obra memórias e saberes ancestrais, relacionando-os com nossa contemporaneidade. A obra Wazak'á faz parte da história indígena chamada de “grande árvore”, sobre ela existem algumas versões dependendo de cada etnia indígena. Na versão da etnia makuxi segundo nos conta Esbell, Makunaima evidencia decisões universais sobre o corte da “grande árvore”. Conforme o artista, o deus indígena Makunaima

Cortou a árvore para dar vida também aos habitantes da savana, aqui nesta parte do mundo. Havia fome, escacez, quando a natureza mostrou para Makunaima e seus irmãos as grandes árvores. Foi o Deus maior, que é a Natureza maior, que por meio da cutia mostrou a Makunaima a grande árvore de todas as frutas e sementes. Não, não era apenas uma, mas, simbolicamente, ficamos com a maior, a mais importante, a primeira. A árvore do bem, que ao tombar o chão também a árvore dos mistérios, a árvore dos outros seres, a árvore proibida que ainda hoje existe o tronco ao lado da árvore da vida derrubada por Makunaima. A natureza deixa portanto Makunaima diante da grande árvore. Deixa ele lá com o pescoço virado para cima vendo e analisando se vai mesmo tomar a grande decisão. Makunaima está parado medindo seu existir (Esbell, 2018, p. 148).

A inspiração para a produção dessa obra veio da decisão de Makunaima na derrubada da grande árvore de todas as frutas “Wazak'á”. A lenda diz que Makunaima precisava dar um sinal concreto de suas decisões universais cortando a “grande árvore de todos os frutos” em nome da coletividade e da vida de seus irmãos, pois já faltava alimento em todas as partes. E todos estavam passando fome. Então Makunaima cortou a árvore para que a vida tivesse continuidade cumprindo de acordo com a lenda seu papel de liderança e heroísmo em favor de todos.

A história começa quando Makunaima corta a grande árvore, muito tempo atrás, e esse corte resulta no que a gente chama de Monte Roraima. Para Borges (2017, p.11) “O Monte Roraima é considerado como lugar sagrado pelos povos indígenas que vivem

¹² Entrevista para Itaú Cultural em podcasts e forma de áudio sobre questões indígenas e suas obras publicado em: 30/03/2020 - 15:05.

em seu entorno, que o reconhecem como o tronco cortado da *Árvore de todos os frutos* – *Wazaká* – e “tem para os indígenas Pemón da Venezuela e Macuxi do Brasil grande significado espiritual, sendo referido respectivamente como a mãe de todas as águas e a casa de Macunaima” (Reis, 2006, p. 5).

Nessa obra de Jaider Esbell chamada de *Wazak’a*, a árvore de todos os frutos apresenta de forma animada com colorido a imagem de elementos visuais da fauna e da flora coabitando em plena harmonia ilustrando um cenário imaginário de como seria a natureza sem a ação devastadora dos invasores nas terras indígenas. Observando a obra vemos que ele não expõe a figura humana com a representação de imagens indígenas ou de invasores, isso nos remete a imaginar de como seria a vida dos animais em torno das comunidades indígenas sem a presença de invasores.

A ilustração, por ser uma linguagem internacional, pode ser compreendida por qualquer povo. E é, sobretudo, uma forma de comunicação estética. A imagem confere ao livro, além do valor estético, o apoio. A pausa e a oportunidade de devaneio, tão importante na leitura criadora, resultado da percepção única e individual, que faz com que uma pessoa nunca descreva o que lê exatamente como outra (Sandroni, 1999, p.28).

Para a autora a ilustração é um tipo de comunicação universal que pode ser exposta em vários formatos, por exemplo, em obras de Arte ou ilustrando livros. Dependendo dos contextos culturais podem assemelhar-se entre comunidades, regiões ou países, quando as fronteiras culturais são ultrapassadas e os valores são confrontados essas pluralidades se unem e formam novas identidades, a esse fenômeno cultural dá-se o nome de intercultura. Ressalta a autora que essas interpretações são únicas, embora os temas façam parte de um coletivo as interpretações serão individualizadas levando as conclusões para diferentes descrições. Jaider Esbell fazia exposição de seu saber visual, com colorido ilustrava a alegria e a energia que a natureza nos transmite quando seus elementos estão em constante sintonia com a vida. Os animais ilustrados por Jaider na obra *Wazaká* além de servirem como fonte de sobrevivência imprescindível na alimentação das comunidades indígenas também são responsáveis por semear sementes para outros lugares da natureza permitindo assim, que não falte frutas em todas as regiões da floresta. São os diversos ambientes em pleno funcionamento (ecossistema) de cada região que contribuem para a formação e manutenção da cadeia alimentar entre as espécies, inclusive muitas estão em extinção pela ação descontrolada do capitalismo sobre os indígenas e suas culturas, independente da região habitada.

Ainda na obra *Wazaká*, Jaider Esbell destacou as espécies de macacos, tamanduás, jaguatiricas, jabutis, veados e tatus que são algumas das espécies encontradas nas terras indígenas do Brasil, em Roraima e nos países que englobam a região amazônica.

Em suas obras Esbell também trazia a história do canaimé, que segundo ele para o povo makuxi, a figura do canaimé atua no controle das regras de convivência nas comunidades interferindo em situações de descumprimento dessas regras ou quando as pessoas estão vulneráveis em locais inapropriados.

Seria uma lei comunitária, uma lei entre sociedades. Então o canaimé é um pouco de tudo isso. Uma das formas mais relatadas é que ele aparece vestido de pele de animais, grandes ou pequenos, enfim, é uma composição de adereços que artisticamente é muito interessante (Esbell, 2018, p.18).

Segundo o artista a figura do Canaimé¹³ temida por indígenas de todas as etnias existe, porém, só é acionada quando algo está errado, quando alguém descumpre regras, pesca em locais proibidos, caça mais animais do que o necessário para comer, invade o território de outra tribo. Enfim, o Canaimé não é uma figura do mal propriamente dito, e sim um ser que na visão de Jaider Esbell colabora na educação e no cumprimento das normas e regras de cada comunidade indígena. As punições segundo ele podem ir desde uma surra forte que provoca febre e dores no corpo por vários dias, ou até em casos de infrações muito grave podem levar Canaimé a fúria e punir o infrator com a morte.

Esbell apresentava em suas obras mensagens temas que provocam nas pessoas diferentes reflexões, quando criava obras em forma de crítica mostrando os problemas ou quando enaltecia as belezas com obras exuberantes da região, as duas formas de expressões artísticas fazem apologia à resistência em favor da cultura de seu povo, quer seja essa crítica em forma de composição visual ou literária. Na escolha de seus temas essas ideais sempre caminhavam para o lado ativista. Essas formas de expressões transmitem mensagens, falam de mitologia, de conhecimentos, episódios violentos contra os povos indígenas, enfim, suas criações estavam voltadas para articulação política em questões fundamentais das comunidades indígenas.

¹³ Canaimé em Roraima lenda que os indígenas ressaltam como o que faz o mal. O Canaimé pode ser qualquer um de dentro da comunidade, mas geralmente ele ataca outras comunidades.

Para Canclini (2019), a Arte pode ser representada de forma culta e popular ao mesmo tempo, pois existem artistas que conseguem estabelecer boas relações ao representar a Arte tanto na literatura quanto em forma visual ao mesmo tempo estabelecendo conexão às exigências sociais.

Mas também existem artistas representativos do que denominados o terceiro tipo de resposta às exigências de reestruturação. São os que prosseguem sua carreira simultaneamente, sem excessivos conflitos, no campo culto e no popular-massivo (Canclini, 2019, p. 361).

Ainda conforme Canclini (2019, p.102), “há uma “tentativa de voltar às origens”, a uma comunidade na qual as hierarquias não fossem de ordem socioeconômica, mas tradicional ou espiritual”. Ao “retornar às origens”, como sugere Canclini (2019), Esbell traz para ele a possibilidade de preservação da sua memória como fortalecimento de sua identidade e o encontro com sua cultura indígena Makuxi. Há necessidade de observar como esse comportamento influencia em suas obras artísticas performáticas e literárias prevalecendo a representação e as características da identidade enraizada nesta cultura local incluindo outras etnias também.

Hommi Bhabha no livro “O Local da Cultura” (Bhabha, 1998) apresenta sua teoria sobre o hibridismo cultural, destacando-se como um dos maiores pensadores dos estudos pós-coloniais na contemporaneidade. Para o autor,

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lapide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, e uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (Bhabha, 1998, p. 21).

Conforme Bhabha, a cultura no ponto de sua construção da identidade vem através das performances sociais próprias construídas a partir de questões da significação, onde as vivências históricas da conexão cultural, da autonomia da consciência individual devem estar alinhadas às articulações sociais. A formação de Jaider Esbell se construiu a partir de relações entre indígena e não indígena, portanto, havendo uma miscigenação em sua identidade original agregando valores da vida cotidiana. Nas palavras de Esbell (2018), essa mistura se deu pela vivência de uma educação nordestina com herança coronelista e uma vivência anterior voltada aos povos tradicionais da etnia makuxi de sua comunidade. Segundo o artista a construção da

própria identidade se deu pela forma em que a questão indígena vem sendo tratada e articulada, por um lado politicamente e por outra esquecida, passando por vários conflitos durante tempos (Esbell, 2018).

E isso tudo foi importante para a construção posterior do meu trabalho, da minha identidade artística, da minha identidade poética, da minha identidade de pensador. Porque essa identidade vem dessa trajetória de luta, de movimento, de conquista (Esbell, 2018, p. 25).

A cultura makuxi assim como as de outras etnias obteve conflitos para a demarcação de suas terras, as quais foram e, ainda são exploradas por uma política centralizada e de colonizadores dominantes. Dessa forma, sabemos da essência e da existência da oralidade que transmite os conhecimentos tradicionais de geração em geração nas comunidades indígenas demonstrando a força e a coragem de uma cultura indígena. A interação do artista Jaider Esbell nos desafia a entender os significados que ele atribui em suas pinturas, ações performáticas e literárias, toda essa identidade vem de um contexto cultural que determina a compreender a lógica da organização e do pensamento onde sua arte é reconhecida e defendida como arte contemporânea.

ASSOPROS FINAIS

O processo intercultural presente em seu trabalho pode nos indicar caminhos para pensar o ensino de arte. As obras de Jaider Esbell estão sempre conectadas quando se trata dessa representação dedicada à memória, e a sua vivência indígena. Conforme afirma o próprio artista “[...] essa identidade vem dessa trajetória de luta, de movimento, de conquista” Esbell (2018, p.25). Por muito tempo e até hoje os indígenas foram esquecidos e violentados pela sociedade dominante. Seus valores foram deixados de lado, atualmente esses povos ainda lidam com questões conflituosas citamos como exemplo as atividades de garimpo ilegal que provocam as contaminações das águas, desmatamentos das florestas, doenças, e extermínio dos povos indígenas. Nesse contexto Esbell se encaixa como artista ativista pela defesa das causas indígenas. Uma das suas principais ações era chamar a atenção da sociedade fazendo críticas ao sistema dominante.

As obras do artista propiciam conhecimentos e críticas, se conectam com os elementos da natureza da cultura indígena, das crenças, contos, danças costumes e do cotidiano de sua cultura e seu coletivo. No entanto, as tecituras interculturais nas obras de Jaider Esbell acontecem como uma principal fonte de aprendizado, pois suas produções não são artes abstratas, elas estão relacionadas com as referências culturais e suas representações tomando-as como base. Elas apresentam a cosmologia do seu povo. Sua arte é sempre uma arte referencial carregada de elementos simbólicos que trazem um pouco de arte rupestre e grafismos, mas se remete a Arte Indígena Contemporânea (AIC), e a questão de uma história maior e complexa onde tem uma função de despertar o interesse das pessoas de sempre perguntar o que quer dizer cada obra. Isso faz que o trabalho de Esbell tenha um ponto de conexão entre a cultura indígena e a não indígena. Jaider Esbell apresentava em sua arte uma didática que proporcionava uma nova forma de expressão cultural de seu povo procurando, segundo ele, manter sua autenticidade e, com suas representações se conectar e dialogar com os outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaro, L. E. R., Capaverde, T. S., & Nogueira, G. C. (2020). *Relações Identitárias e Intertextuais*. Boa Vista: Editora da UFRR.

Bakhtin, M. M. (2012). *Para uma filosofia do ato responsável*. Contexto.

Bhabha, H. K. (1998). *O local da Cultura*. Editora da UFMG.

Barbosa, A. M. (2008). *Inquietações e Mudanças no ensino da arte*. Cortez.

Barbosa, A. M. (1991). *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. Fundação IOCHIPE.

Borges, P. M. B. (2017). *Território mítico-literário de Makunaima: leituras comparadas entre narrativas tradicionais e contemporâneas*. Belo Horizonte.

Borges, W. (2011). *1982- Povos indígenas brasileiros: a história lembrada de um povo esquecido*. HTC.

Canclini, N. G. (2019). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Editora da Universidade de São Paulo.

Cavalcante J. (2022). *Monumentos Históricos de Boa Vista: Dez coisas sobre o Monumento ao Garimpeiro. O Monumento ao Garimpeiro está no eixo central da praça do Centro Cívico, um dos principais pontos turísticos de Boa Vista – Roraima*. Disponível em: <https://joviajou.com/os-10/monumentos-historicos-de-boa-vista-dez-coisas-sobre-o-garimpeiro>.

Costa, V. A. N. B. (2019). *O neto de Makunaima: Jaider Esbell e a literatura indígena em Roraima*. (Dissertação de mestrado). Roraima.

Deleuze, G. (1992). *Conversações, 1972-1990*. Ed.34.

Esbell, J. (2018). MAKUNAIMA, O MEU AVÔ EM MIM. *Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*,19(46), 11-39.

Wera, K. (2018). *Entrevista de Jaider Esbell*. Beco do Azogue, Editorial Ltda.

- Esbell, J. (2021). Na sociedade indígena, todos são artistas. *Arte & Ensaios*, 27(41), 14-48. <https://doi.org/10.37235/ae.n41.3>
- Esbell, J. (2021). *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. Itaú Cultural.
- Esbell, J. (2012). *Terreiro de Makunaima – mitos, lendas e estórias em vivências*. Cromos.
- Fleuri, R. M. (2003). *Intercultura e educação*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.
- Fleuri, R. M. (2003). *Educação Intercultural. Mediações Necessárias*. ed. DP&A.
- Fleuri, R. M. (2001). *Intercultura: estudos emergentes*. Ijuí: Ed.
- Freire, P. (2009). *Educação como Prática da Liberdade*. Paz e Terra.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. LTC.
- Gonzatto, C. (2021). *Conversa com Jaider Esbell - Também temos o que mostrar: a nossos modos, com nossos protocolos*. C& América Latina.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.
- Ricardo, M. (2018). *Ver em camadas o cruzamento dos mundos*. Entrevista In.; INSTITUTO HUMANISTAS HUNICINOS 24.
- Krenak, A. (2015). Paisagens, territórios e pressão colonial. *Espaço Ameríndio*, 9(3), 327- 343.
- Sandroni, L. C. (1999). *Aspectos da literatura infantil no Brasil*. Brasília: MEC.
- Santiago, M. C. (2013). *Educação intercultural: desafios e possibilidades*. Vozes.
- Silva, I. S. (2013). *Antropofagia Cultural Brasileira e as Práticas inventivas de Hélio Oiticica, Paulo Freire e Augusto Boal: Contribuições Ecologista e interculturais para a formação de professores*. (Tese de Doutorado em educação). Santa Maria/RS, Brasil.

Silva, T. T. (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes.

Zamboni, S. (2012). *A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. Autores Associados.